

Como devem os conservadores responder ao desafio populista?

O meu objectivo não é o de condenar liminarmente o populismo, e ainda menos deixar os seus adversários elitistas de fora, mas sim o de destacar os impulsos conformistas e colectivistas inerentes ao populismo - a todo o populismo - e sugerir que os conservadores estejam atentos a estas tendências.

TRADUÇÃO **Maria Cortesão Monteiro**

Artigo originalmente publicado em *The New Criterion*, Volume 36 Número 5



POR
George Nash

Fellow da Hoover
Institution,
Universidade de
Stanford

Há mais de dois anos que os Estados Unidos vivem no equivalente político a uma erupção vulcânica. O volume de cinza vulcânica que esta gerou - sob a forma de cobertura mediática, publicações em blogues e tweets - tem sido avassalador. Nestas circunstâncias tumultuosas, é difícil pensar com clareza acerca da nossa condição. Ainda assim, temos que tentar.

Antes de mais, uma breve definição de conceitos. Por “conservadores”, no seguinte ensaio, referir-me-ei principalmente aos conservadores americanos que cresceram sob, ou foram um produto do movimento conservador político e intelectual que se desenvolveu na era de William F. Buckley Jr. e Ronald Reagan. Por outras palavras, aqueles conservadores que, até bastante recentemente, ocuparam o movimento conservador convencional. Por “populismo”,



William F. Buckley

referir-me-ei simplesmente a um fenómeno recorrente na política americana, definido de forma concisa como a revolta das pessoas comuns contra elites prepotentes e egoístas.

Posições populistas - caracterizadas pela celebração da virtude das pessoas comuns e falta de confiança nos chamados “melhores” - não são novidade na história americana. De facto, tais impulsos podem ser uma característica de todas as socieda-

des democráticas, governadas como são, em princípio, pelo sufrágio universal e por divisão do trabalho entre os governadores e os governados. Estas posições dão à vida política diária uma espécie de pano de fundo - uma corrente de murmúrios nas conversas políticas que estão em curso.

Durante a maior parte do tempo, estes murmúrios não chegam a ser rugido. Mas o *populismo* é algo mais; é um acto de re-

beldia. Tem, também, raízes profundas na política americana.

O populismo americano tem, tradicionalmente, surgido em duas formas: uma variedade de esquerda (como Huey Long e Bernie Sanders) que se procura principalmente atingir o sector privado, elites capitalistas instaladas, figurativamente, em Wall Street; e, mais recentemente, uma variedade de direita (como Ronald Reagan e o *Tea Party*) que concentra a maior parte da sua ira na elite do sector público, sediada em Washington. Em 2016, estes dois tipos concorrentes de populismo disputaram a supremacia nas respectivas casas políticas respectivas (os partidos Democrático e Republicano), apenas para no fim serem eclipsados por um novo tipo de populismo, um ainda mais revoltado: um híbrido a que agora chamamos de “Trumpismo”.

Como devem os conservadores avaliar e responder a este fenómeno inquietante? Sugiro que o examinemos em quatro níveis: 1) As queixas feitas pela parte queixosa; 2) o programa (ainda que vago) da parte queixosa; 3) o carácter e as qualificações da liderança da parte queixosa; e 4) as forças e fraquezas intrínsecas do populismo em si mesmo, enquanto forma de acção política.

Os conservadores tiveram muitos meses para estudar a “revolta das massas” “Trumpista”. O que vale a pena assinalar (pelo menos para este historiador) é o grau de consenso existente na direita, acerca das queixas e carácter da insurgência. Os observadores conservadores parecem geralmente concordar que o populismo “Trumpista” expôs um fosso profundo entre aqueles *em cima* e aqueles *em baixo* da escala política e socio-económica. As categorias e designações analíticas variam de comentador para comentador. Uns usam os termos “populista” e “elitista” para descrever os combatentes. Outros retratam uma luta, contrapondo “nacionalistas” e “globalistas”, a “classe trabalhadora” e a “classe governante”, e o “partido do campo” e o “partido de corte”. Mas o impulso analítico subjacente é o mesmo.

Para generalizar rapidamente, mais ou menos desde o ano passado que os intelectuais conservadores americanos têm vindo cada vez mais a reconhecer e expressar simpatia pelas queixas económicas e culturais dos queixosos “Trumpistas”. No primeiro passo da nossa escada analítica – o nível de reconhecimento e empatia – os conservadores de convicção Buckley-Reagan têm respondido adequadamente, embora que algumas vezes tardiamente, ao desafio populista.

Pode parecer que tal empatia rapidamente motivaria os conservadores especialistas em



Os intelectuais conservadores americanos têm vindo cada vez mais a reconhecer e expressar simpatia pelas queixas económicas e culturais dos queixosos ‘Trumpistas’

políticas públicas e os seus aliados no Congresso a elaborar e implementar medidas para aliviar a ferida que foi exposta. Isso leva-nos a um segundo nível de análise – o programa da parte queixosa – e a um dos mais sérios desafios com que a direita americana se depara. De forma muito simples, o “Trumpismo” (ou, se preferirem, ‘Bannonismo’, seguindo o nome do seu combativo apologista, Steve Bannon) não é apenas uma revolta contra um *establishment* esquerdista entrincheirado no estado administrativo dentro da ‘Beltway’. Nem é apenas uma rebelião contra o frouxo *establishment* político republicano situado nas proximidades. É também uma revolta *ideológica* contra o que entende ser um *establishment* decrépito conservador intelectual formado durante a época da Guerra Fria. Aquilo que diferencia o “Trumpismo” é que este ataca os três *establishments* em simultâneo.

Em nenhum outro lado estão estas linhas de guerra tão nitidamente iluminadas como no debate acerca de políticas públicas, que se desenrola agora em Capitol Hill. Desde o advento da Administração Reagan em 1981, a abordagem conservadora dominante em termos de políticas públicas tem sido a ideologia de cortar impostos, pró-comércio livre, e pró-imigração, conhecida como economia “do lado da oferta”. Chamemos-lhe ‘Kempismo’, de acordo com o nome daquele que por muitos anos foi o seu principal representante, o falecido representante Jack Kemp. Em 2016, no entanto, veio uma nova ideologia – “Trumpismo” (ou ‘Bannonismo’) – dedicado àquilo a que Bannon sem rodeios promove como “nacionalismo económico”. Este programa inclui possivelmente *mais impostos* para os ricos, *barreiras* protecionistas ao comércio livre, e restrições *significativas* à imigração, por razões económicas, de segurança nacional, e culturais. Tal como disse Bannon há uns meses, numa entrevista a Charlie Rose, “Este país foi construído com nacionalismo económico”. É difícil de conceber um repúdio mais explícito da economia “do lado da oferta” da era de Reagan ou do seu incansável depositário, a página editorial do *The Wall Street Journal*.

A falha sísmica vai ainda mais fundo. No coração da filosofia política de Ronald Reagan havia um único valor: *liberdade* – o “direito,” – nas palavras de Reagan, de “cada indivíduo. . . a controlar o seu próprio destino” e “procurar” a sua própria felicidade sem subjecção aos “caprichos do Estado.” “Nós somos uma nação”, afirmou ele no seu primeiro Discurso Inaugural, “que tem um Governo – e não ao contrário. E isso torna-nos especiais relativamente a todas as nações da Terra.”

No coração do populismo ‘Trumpista’, contudo – e eu suspeito de todo o populismo – há um desejo diferente: por *segurança*, especialmente para aqueles que se sentem esquecidos e deixados para trás. Se o conservadorismo ‘Reaganista’, pelo menos em teoria, tem sido profundamente céptico em relação ao poder do Governo para controlar mercados livres e para criar prosperidade, no centro do populismo ‘Trumpista’ – e talvez de todo o populismo – está a fé no poder do Governo, ou pelo menos uma vontade emergente de desespero para *usar* tal poder vigorosamente para melhorar o destino das pessoas.

Donald Trump incorpora este impulso. Pintando uma imagem sombria da miséria americana e corrupção no seu discurso de tomada de posse em 2016, proclamou: “Ninguém conhece o sistema melhor que eu, e é por isso que apenas eu o consigo remediar.” É uma divergência de cortar a respiração relativamente à filosofia política e económica pró-mercado livre, pró-governo limitado de Friedrich Hayek, Milton Friedman, Ronald Reagan, e outros heróis do conservadorismo americano convencional.

Será o fosso político entre o ‘Kempismo’ e o ‘Trumpismo’ inultrapassável? Descobriremos, provavelmente, nos próximos meses. Talvez de todo este tumulto em Washington possam surgir compromissos desorganizados mas toleráveis. Mas se isso está para acontecer, os conservadores em disputa e os populistas nacionalistas podem precisar de relembrar uma máxima popularizada por H. L. Mencken: “na política, um homem tem que aprender a elevar-se acima do princípio.” Ou, de forma mais elegante, podem precisar de praticar aquilo que Russel Kirk chamou de “política de prudência.”

Entretanto, é provável que os conservadores tenham as mãos cheias no terceiro nível de análise que propus para lidar com o desafio populista: nomeadamente, o carácter, temperamento, e liderança do homem cuja agitação populista nos impôs. Não farei aqui qualquer esforço para examinar com profundidade a personalidade do nosso novo Presidente – embora esse possa ser um esforço tentador e viciante de forma fascinante. Em vez disso, permitam-me oferecer um dado único e importante acerca do qual os conservadores devem ponderar cuidadosamente: praticamente com um ano de mandato cumprido, Donald Trump tem ainda a receber a aprovação de uma clara maioria do povo americano nas sondagens. Isto não tem precedentes na história moderna da presidência, e não é um prenúncio de dias brilhantes.

Há razões para este estado de coisas, claro, nomeadamente a incessante barreira de hostilidade e aversão concentrada em Trump pelos seus inimigos políticos da esquerda. No entanto, parte da justificação encontra-se no próprio temperamento de Trump e num estilo governamental pugilístico que ofende muitos que têm alguma simpatia com a sua agenda.

Aqui lembramo-nos de outro populista pugilista do mesmo género: o aguerrido anti-comunista, Senador Joseph McCarthy, na década de 1950. Em 1954, no pico na popularidade de McCarthy, o ex-comunista e agora ícone conservador Whittaker Chambers – um homem de credenciais anticomunistas exemplares – escreveu uma carta ao seu amigo William F. Buckley Jr., que estava prestes a publicar um livro em defesa de McCarthy, e que queria que Chambers escrevesse uma sinopse para a capa do livro. Chambers recusou. Em vez disso, avisou Buckley francamente acerca das falhas de McCarthy:

Nenhum de nós é seu inimigo. Todos nós gostaríamos de ser seus partidários, nem que seja porque todos estamos envolvidos na mesma guerra. Assim, a maioria de nós faz um esforço para deixar passar certos assuntos, ou para a maior parte das vezes lhe dar o benefício da dúvida. Mas todos nós, de uma forma ou de outra, temos lentamente vindo a questionar os seus juízos e a temer profundamente que o seu talento para o sensacionalismo, as suas imprecisões e distorções, a sua tendência para sacrificar o objectivo principal pelo efeito momentâneo, o encaminhem e nos encaminhem para dificuldades. Na verdade, não é exagero dizer que vivemos no terror de que o senador McCarthy um dia cometa um erro irreparável que beneficie directamente o nosso inimigo comum, e desacredite por um longo período todo o esforço anticomunista.

Releiam esta passagem e substituam “Senador McCarthy” e “anticomunista” por “Presidente Trump” e “populista”, e compreenderão a inquietação e a trepidação que espreitam hoje em muitos corações conservadores.

De facto, não é dizer muito que o desenrolar do desafio populista está repleto de possibilidades trágicas – trágicas para conservadores e para aqueles milhões de

eleitores queixosos que depositaram a sua confiança neste príncipe improvável. Um cenário possível é que nas eleições de 2018, ou mais cedo, a presidência de Trump – na medida em que depende do Congresso para resultados – será reduzida a impotência política: um conto tempestuoso de som e fúria significando . . . impasse. Uma segunda possibilidade trágica é que na sua ânsia por “acordos” através de linhas partidárias, o presidente Trump possa ser levado a desludir a sua base política, particularmente no assunto de imigração, fracturando assim o partido Republicano e levando muitos apoiantes desapontados a cair em apatia ou em murmúrios ineficazes, e assim abrindo as portas a uma viragem à esquerda em 2020.

Realço estes cenários não necessariamente porque espero que ocorram, mas para sublinhar um facto sério: quanto do destino da actual insurreição populista, e, também, do conservadorismo americano, repousa sobre a imprevisível personalidade de um homem.

A minha categoria de análise final diz respeito à natureza do próprio populismo. A grande força intrínseca do populismo é que dá a voz àqueles até agora sem voz, que muitas vezes têm reclamações legítimas que merecem ser retificadas. Mas o populismo também sofre de três características problemáticas. Primeiro, as erupções populistas, tal como erupções vulcânicas na Natureza, tendem a ser espasmódicas e relativamente breves. É possível que desapareçam quando as perturbações económicas com que estão normalmente associadas começam a dissipar. Além disso, as mobilizações populistas são quase invariavelmente reactivas, e aqueles que reagem são geralmente pessoas para quem a política não é uma preocupação diária – ao invés das elites governantes contra quem se insurgem. Para conservadores em 2018 isto levanta uma questão: quanto tempo passará até que a actual erupção populista se apazigüe e a política normal – política dominada pelas elites – se reafirme?

A segunda característica problemática do populismo é resumida por uma observação feita pelo líder patriota americano James Otis em 1775, no início da Revolução Americana: “Quando a panela ferve, a escória subirá.” (visitantes das secções de comentários de alguns websites poderão simpatizar com a sua posição.) O populismo é, por natureza, uma criatura de frustração e paixão. Também tende a ser anti-institucional – isto é, severamente crítico das instituições onde prevalecem as elites que despreza. Assim sendo, não devemos ficar surpreendidos com

o facto de na América e em outras nações, os movimentos populistas tenham gerado mais do que alguns líderes excêntricos e pouco elegantes, frequentemente oriundos de fora das instituições da sociedade educada. Para intelectuais conservadores que acreditam que democracias com sucesso necessitam de estadismo e virtude cívica, uma das mais problemáticas características do populismo é o carácter frequentemente errático e demagógico da sua liderança. Poderão os instigadores populistas ser convertidos em estadistas? Para os conservadores, esta é sempre uma questão incómoda quando ocorrem insurreições populistas.

O terceiro aspecto problemático do populismo são as implicações tribais da sua retórica. Também isto parece ser inerente ao fenómeno. Se for um populista que acredita que uma cabala ou facção elitista e egoísta está a explorar o povo virtuoso, que deve fazer? Bem, unir o povo, claro, contra os seus opressores. E a palavra-chave aqui é “unir.”

Mas em que termos é que os populistas se devem esforçar para unir o povo? Uma das tendências marcantes das últimas duas décadas tem sido a propagação de uma sensibilidade pós-nacional, até anti-nacional, entre as elites progressistas e cosmopolitas da América e os jovens – uma tendência desnacionalizadora ligada à ideologia do multiculturalismo. Não surpreendentemente, um dos mais notáveis aspectos do ‘Trumpismo’ são as suas tendências renacionalizadoras, nomeadamente uma desafiadora reafirmação de soberania popular e do estado-nação como princípio de organização política.

Para a maior parte dos conservadores, a resistência populista ao “progressismo transnacional” e ao “globalismo” elitista é tanto compreensível como defensável. Para que a nossa nação sobreviva, alguns laços comuns têm que nos unir. A “diversidade” não é suficiente. Além disso, argumentam os conservadores, o nosso governo terá que ser um governo do e pelo – e não apenas para – o povo.

Mas pensemos agora em algo que gradualmente se vai infiltrando no discurso público americano. Cada vez mais, na direita (e na esquerda, também) a linguagem violenta e apocalíptica de guerra está a ser usada para mobilizar legiões políticas. Palavras provocadoras como “resistência”, “golpe”, “secessão”, “guerra civil”, e “purga” aparecem cada vez mais frequentemente na disputa política. Cada vez mais, também, analistas ao longo de todo o espectro político invocam os tópicos de análise de classes e e guerra



Estamos muito distantes da retórica de Ronald Reagan, que apelava aos seus compatriotas americanos não enquanto membros de raças antagónicas, classes ou grupos étnicos mas enquanto indivíduos que deviam ser livres para perseguir o seus próprios destinos numa terra de liberdade

de classes para retratar o confronto entre populistas e os seus inimigos.

Entretanto, nas margens, os dissidentes beligerantes conhecidos como *alt-right* promovem de forma agressiva as suas próprias formas de solidariedade colectiva em traços cada vez mais racistas, nacionalistas e identitários. Estamos muito distantes da retórica de Ronald Reagan, que apelava aos seus compatriotas americanos não enquanto membros de raças antagónicas, classes ou grupos étnicos mas enquanto *indivíduos* que deviam ser livres para perseguir o seus próprios destinos numa terra de liberdade.

Não pretendo distribuir culpa por estes desenvolvimentos. O meu objectivo não é o de condenar liminarmente o populismo, e ainda menos deixar os seus adversários elitistas de fora, mas sim o de destacar os impulsos conformistas e colectivistas inerentes ao populismo – a todo o populismo – e sugerir que os conservadores estejam atentos a estas tendências, que, de forma perturbadora, estão também presentes na esquerda militante.

Como devem, então, os conservadores responder a este desafio populista que percorre a direita americana? Regressando ao

enquadramento de análise que apresentei previamente, os conservadores de convicção Buckley-Reagan devem continuar a demonstrar compreensão pelos queixosos e pelas suas reclamações, tanto económicas como culturais, e devem tentar de alguma forma acomodar o programa populista na esfera de políticas públicas. Isto pode significar que os conservadores no Congresso e nos círculos sociais mais politicamente activos terão que se elevar “acima do princípio” e modificar essa sua firme lealdade para com a ortodoxia económica do lado da oferta. O que durante muito tempo nos círculos conservadores foi considerado sabedoria económica (como diminuir os impostos dos mais ricos) pode não ser, na crise actual, sabedoria *política*. Por outro lado, propostas que para os conservadores Buckley-Reagan podem parecer economicamente dúbias (como maior despesa governamental em infraestrutura) podem ser precisamente opções políticas prudentes: o preço a pagar *nesta altura* para sarar algumas das feridas do nosso corpo político.

Em segundo lugar, os conservadores devem abordar, de forma mais directa e sistemática do que têm feito, o problema de refinar – e não apenas denunciar ou lisonjear – a liderança populista. Como pode tal liderança ser elevada e direccionada para estadismo? Como é que a América pode evitar decair naquilo que os *Founding Fathers* tanto temiam: governo das massas ou – ainda pior – massas concorrentes e adversárias? Para os intelectuais conservadores este pode ser o desafio mais urgente nos anos que aí vêm.

Vivemos num tempo de crescente rancor e polarização no qual a política se vai tornando uma disputa cada vez mais dura e desenfreada de vontades. Neste ambiente venenoso a tentação é grande, e a pressão elevada para que os partidários da esquerda e da direita (e acima e abaixo) reparem as suas barricadas tribais, levados pelo incessante clamor da “escolha binária”.

Mas ainda não chegámos aí, e os intelectuais conservadores devem fazer tudo o que puderem para evitar este beco sem saída. Sabemos através de Edmund Burke o que acontecerá se falharmos. Em 1791, ele escreveu: “A sociedade não poderá existir a menos que sobre a vontade e a cobiça se exerça, algures, um poder de controlo, e, quanto mais fraco ele for interiormente, mais forte terá de ser exteriormente. Está consagrado na eterna constituição das coisas que os homens de espírito intemperado não podem ser livres. As suas paixões forjam os seus grilhões.” ■